

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## FOLK-LORE PORTUGUEZ

### Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas  
por

A. THOMAZ PIRÉS

(Continuado da col. 96, vol. XII)

1789

O' amor, ó desamôr,  
O' engano, ó desengano;  
Cortas pela minha vida  
Como a thezoura p'lo pannó.

1790

Tenho práta, tenho ouro,  
Tambem tenho algum cobre,  
De tudo estou abonada,  
Sò d'amores vivo pobre.

1791

A' janella a onde eu cõso  
Manjaricos não se dão;  
Mette-se o sól entre nuvens  
Fico n'uma solidão.

1792

Não me namoram calcinhas  
Que meu pãe não úzon d'ellas,  
Namora-me um bom calção  
Com duas lindas fivellas.

1793

Olhos pretos, bocca linda,  
São bonitas mas porein,  
Tenho medo de os amar  
São cruéis, não pagam bem.

1794

O' morte, tyranna mortó,  
Grande destrôço fizeste,  
Levaste a minha amada  
Pr'ó alto do acypresto.

1795

Se o meu amor fôra firmé,  
Mal haja se outro tivera,  
Meu amor é como o vento,  
Que anda na fólha da hera.

1796

Queres amor que te conte  
Pescacias da minha vida,  
Fui prezo para soldado,  
Mas não cheguei á medida.

1797

Se os pássárinhos soubessem,  
Quando é o dia d'Ascensão  
Nem subiam ao seu ninho,  
Nem punham o pé no chão.

1798

A tua mãe te gabaste,  
Que eu te fui procurár,  
Ainda tu não és toalha,  
Aonde eu me vá limpár.

1799

Todos os males se curam,  
Com remedios da botica,  
Sò a saudade não tem cura,  
Quem a tem com ella fica.

1800

Valha-mê Deus que não posso  
Cantár como já cantoi,  
Já bebi agua da nóra  
Tê a minha voz mudei.

1801

As môças da minha aldeia  
De muitas parecém poucas;  
São come as rózas singellas,  
Umás encobrem as outras.

1802

S. João é festejado,  
Mais na vesp'ra que no dia,  
Na Hespanha no Algarve,  
Em Portugal, na Turquia.

1803

A laranja cahiu n'agua,  
Apodreceu-lhe metade;  
Tenho o meu amor doente  
Bem contra minha vontade.

1804

Com este balsamo cheiroso  
Heide embalsamar o meu bem,  
Não quero que a terra cõma,  
Tão lindos signaes que tem.

1805

Já hoje vi o meu sól,  
Nos raios do meu tormento,  
Já falei com o meu amor,

Sinto dobrado alento.

1806

Tenho um ramo de cantigas,  
Por as pontas vae vergando;  
Se quer's cantar ao dezaño  
Minha maré vem chegando.

1807

Se o már tivera estradas  
Ia-te a ver a Lisboa,  
Mas o már não tem estrádas  
E sem azas ninguém vóa.

1808

O' Senhor da Piedade,  
Que lá está na sua ermida;  
Se promettes lealdade  
Tens amor's p'ra toda a vida.

1809

O' meu amor se duvidas  
Que eu te falte á fé pura,  
Com o sangue do meu braço  
Eu te assigno a escriptura.

1810

Eu não pensei, não pensei,  
Nem cuidava, nem cuidava,  
Que o craveiro de meu sogro  
Tão lindos cravos deitava.

1811

Nunca vi cara mais linda,  
Nem corpo mais delicado,  
Nem vestir com mais azeio,  
Nem falar com mais agrado.

1812

Se pensas que eu amo outro,  
Perde essa desconfiança,  
Antes sepultada em vida  
Do que em mim haver mudança.

1813

O' Antonio maçã verde  
Colhidinha na macieira,  
Não te cazes tu Antonio  
Emquanto eu estiver solteira.

1814

Não sei que cantiga cante,  
A' porta do meu compadro,  
Uma cantiga bonita  
Que alegre a minha comadre.

1815

Eu tenho á minha porta  
Um lyrio roxo meu bem,  
Tambem cahe na dosgraça  
Quem muito juizo tem.

1816

O' José, meu Josézinho  
Raminho de bem querer,  
Heide amar-te até á morte,  
Serei firme até morrer.

1817

Pena triste, pena triste,  
O' quem não hade chorar,  
Se me vojo em terra alheia,  
Fora do ser natural.

1818

O' bella quinta dos Longos,  
Com janellas á franceza,  
Onde combatem as ballas,  
D'essa tua fortaleza.

1819

Portalegre, terra alegre,  
Tão triste és para mim,  
Nossa Senhora me leve,  
Prá terra onde eu nasci.

1820

Adeus altas, adeus baixas  
Adeus casas do meu pae;  
Se algum dia morci n'ellas  
Esse tempo. já la váe.

1821

Quinta feira d'Ascenção  
Dia de Corpo de Deus,  
Manhã de S. João,  
E noite de S. Matheus.

1822

Sois clara, e vermelha,  
Que a todos mottes cubiça  
Ao domingo, na igreja,  
Quem te vê não ouve missa.

1823

Apartada tenha a vida,  
A vida do coração,  
Quem me apartou de ti,  
Que eu não tinha tal tenção.

1824

Apartada tenha a vida,  
Quem de ti me apartou;  
Que um anno não é um dia  
Que eu de ti ausente estou.

1825

As moças do Ribeirinho  
São sujas, porque ellas querem;  
Passa-lhe a agua ao pé,  
Lavem-se se quizerem.

1826

Almocreves na estrada,  
Arrieiros no caminho;  
Se me queres alguma coiza,  
Fala que não adivinho.

1827

Almocreves, almocreves,  
Da estrada de Lisboa;  
Quando abalam para Abrantes  
Nunca fazem coisa boa.

1828

O amor do almocreve,  
Não dura mais que uma óra

Apparelha e carrega,  
Arriata e vae-se embóra.

1829

Menina, sou almocreve,  
Não lhe posso assistir,  
De dia ando na estrada  
E á noite quero dormir.

1830

Hei-de amar o meu bem,  
Hei-de fazer o meu gosto,  
Tem a cara redondinha  
E os olhos á flor do rosto.

1831

Já meu amor não me fala,  
Nem o seu chapéu me tira;  
E' certo que lhe disseram  
De mim alguma mentira.

1832

Fita verde, fita azul,  
Não te gabes que m'as deste,  
Como queros que te eu ame,  
Se amor nunca me tiveste.

1833

Antes que o vento venteje  
O mar se faça em pedaços,  
Eu hei-de casar contigo  
Em que haja mil embaraços.

1834

O loureiro é victoria,  
Victoria trago comigo,  
Tenho por amor victoria  
Passar os dias contigo.

1835

Fostes-te gabar á praça  
Que me deste uma fita,  
Tambem te dei um colete  
D'uma droga bem bonita.

1836

Fostes-te gabar á praça,  
Que me deste um cruzado;  
Tambem eu te dei a ti;  
Um lindo lenço bordado.

1837

Que paciencia teve *Job* (sic)  
Quando em batalha se viu,  
Levantou as mãos ó ceu,  
E uma hóra só pediu.

1838

Quero bem á minha sógra,  
Que é a mãe do meu anor,  
Que criou uma craveira,  
Para me dár a mim a flór.

1839

Eu subi ao triste cedro,  
Puz a mão na lealdade,  
Arrisquei a minha vida,  
Por te fazer a vontade.

1840

Dos lados d'onde eu venho,  
Minha terra longe fica,  
Remedio para o mal que eu tenho,  
Não o ha n'esta botica.

1841

Se tu queres, e eu quero,  
Dexei-mo-nos de razões,  
Venha papel e tinteiro  
E façamos as pragças.

1842

Escrevi á fei morte,  
A' luz do meu candieiro;  
Debaixo do meu chapéu  
Tenho um melro prisioneiro.

1843

Mandei um recado á morte,  
Que me viesse buscår,  
Agóra já estou repeza,  
De tal recado mandar.

(Continua)

---

## TROVAS POPULARES

Em teu olhar tens a esp'rança,  
Em teu seio brinca o amor;  
Não ha no mundo creança  
Com tanta vida e frescór.

Não ha joia assim tão bella,  
No ceo, na terra ou no mar!  
Nem ha no mundo uma estrella  
A quem tanto possa amar.

Os teus segredos d'amor  
Fazem lembrar ceos d'anil  
Com rosas de varia côr,  
Colhidas no mez d'abril.

O teu sonhar é loucura,  
O meu cantar é tristeza;  
Tu sonhas na formosura,  
Eu sonho na tua frieza.

Dormindo sonho contigo,  
Velando contigo estou,  
Tua imagem vae commigo  
Pr'a toda a parte onde eu vou.

Ó meu amor da minh'alma  
Não tir's de mim o sentido,  
Vou viver longe de ti...  
A rasão eu já t'a digo...

Jurei aos ceus de ser teu,  
De te amar aos ceos jurei,  
Agora torno a jurar  
Que teu sempre serei.

A laranja quando nasce  
Logo traz a casca dura,  
E' como a minha querida...  
Que até no andar é pura.

O estado de solteiro,  
Tempo louco, tempo louco,  
Por mim me julgó o primeiro,  
O muito tempo é pouco.

Esta noite sonhei eu  
Que te estava dando beijos,  
Accordei, achei-me só,  
Mal hajam taes desejos.

Anjo que tanto adoro  
Estrella dos sonhos meus,  
Quem sabe se te verei...  
Nunca maist adeus, adeus.

P'lo impossivel me mato,  
P'lo impossivel eu choro;  
E' impossivel que eu vença  
Este impossivel que adoro.

---

### Poesias populares da Beira Alta

Por esta rua corre agua,  
Por aquella corre vinho,  
E por outra corre sangue  
Do meu amor coitadinho.

Se fores, eu hei-de ir,  
Se ficares, ficarei;  
Se eu te vir em braços d'outro  
De suspiros morrerei.

Hei-de dar-te uma castanha,  
Se o meu castanheiro a dêr;  
Hei-de amar-te p'ra semana  
Só se eu outro não tiver.

Oh! meu amor se te fores  
Diz-me a quem eu hei-de amar,

Não ames a mais ninguém  
Que eu se' fôr hei-de voltar.

Minha mãe casou-me em maio,  
Minha sogra não tem pão,  
Doe-me a barriga com fome  
O' que dôr de coração.

Oh! Anninhas da Varanda  
Quero me mandes dizer:  
O num'ro da tua casa  
Porque te quero escrever.

Eliza, minha Elizinha  
'Stou mesmo, mesmo a morrer,  
E tudo isto é molivado  
Por domingo não te vêr.

Rua abaixo, rua acima,  
Sempre com chapéu na mão,  
Nanorando casadinhas;  
As solteiras minhas são.

Eu tenho no meu jardim  
Vasos de mangericão;  
Que no domingo comprei  
Lá na praça do Bolhão.

Todos, todos os domingos  
Vou p'ra os lados de Villar,  
Em busca do meu amor  
Para com elle fallar.

Adeus! ó rio corrente,  
Adeus! pedras de lavar;  
Adeus! sombras de salgueiros  
Onde eu te vinha fallar.

Tendes o cravo na bocca,  
Os dentes são as folhinhas;  
As fallas que tu me dêste  
Foram muito poucochinhas.

Por aquella rua abaixo  
Vae um gato, remeu-meu;  
Que lhe cortaram o rabo  
Para a borla d'um chapéu.

---